

## Crescimento da economia portuguesa: de menos para mais

Para tomarmos o pulso da atividade, normalmente olhamos para o crescimento do PIB. Nesta perspetiva, a dinâmica mais recente da economia portuguesa é francamente melhor do que o esperado. Se alargarmos a perspetiva às últimas décadas, e compararmos a sua evolução com outras economias europeias, obtemos também uma mensagem positiva, embora muito centrada nos últimos anos. Importa, por isso, analisar também os fatores que impulsionaram o crescimento para qualificar o que parece ser um bom desempenho.

Vamos colocar números nestas declarações. A economia portuguesa fechou 2022 com um crescimento de 6,7%, a maior taxa de crescimento dos últimos 32 anos, superior ao que projetávamos no início do ano passado, antes do início da guerra na Ucrânia, e claramente superior ao que foi considerado em meados de 2022, quando se temia que o impacto do conflito pudesse ser substancial. Assim, por enquanto, a economia portuguesa está a resistir melhor ao impacto da crise energética do que os principais países europeus. E recuperou melhor do terreno perdido com a pandemia. De facto, no final de 2022, a atividade em Portugal situava-se cerca de 3 pontos percentuais acima dos níveis de 2019, superior à média dos países que compõem a UEM (2,3% acima) e no grupo dos países com maior impulso cíclico depois da pandemia.

Numa perspetiva de mais longo prazo, as conclusões são menos favoráveis, mas ainda assim depende do período que escolhermos observar. Assim, desde 2000, efetivamente só a Itália e a Grécia cresceram menos, em termos médios, tendo como referência apenas a taxa de crescimento do PIB em volume. Mas analisando os períodos desde as últimas crises, as conclusões são mais animadoras. Em termos cumulativos, a economia portuguesa recuperou cerca de 7,9% desde a crise de dívida soberana e cerca de 16% desde os anos anteriores à crise financeira internacional, superando as performances de Espanha (5,2% e 12,4%), Finlândia (7,2% e 10,9%), Itália (-3,5% e 3,5%) e Grécia (-20,6% e 5,5%). Estas diferenças não são valores menores, especialmente quando respeitam a períodos de tempo tão longos.

No entanto, os fatores subjacentes ao crescimento são igualmente importantes, se não mais. Por outras palavras, a qualidade é tão ou mais importante do que a quantidade. No caso da economia portuguesa, o crescimento do PIB tem sido condicionado pelas tendências demográficas. Especificamente, desde 2000, a população estagnou, o que contrasta com taxas de crescimento médias anuais de 0,7% em Espanha, 0,1% na Alemanha, 0,5% em França e 0,2% em Itália. Analisando um período mais recente, na última década, verifica-se que houve declínios sistemáticos da população residente em Portugal desde 2010, movimento que se interrompeu no ano da pandemia. De facto, nos últimos 3 anos, de acordo com as últimas estimativas, a população cresceu em média 0,2% ao ano, acelerando para 0,5% em 2022 quando o movimento foi mais forte.

Assim, importa analisar antes o comportamento do PIB per capita e nesta comparação a leitura da performance da economia portuguesa quanto ao crescimento económico é mais favorável e a tendência mais recente é de melhoria. Em 2022, esta medida situava-se 19% acima dos níveis de 2000. No entanto, apesar de comparar bem com os restantes periféricos (Espanha 14%, Itália 1,6% e Grécia 1%), quando comparado com países com dimensão geográfica ou população semelhantes, fica aquém. Por exemplo, a Holanda, Áustria, Finlândia e Dinamarca aumentaram neste período a sua riqueza por habitante próximo de 25%. Esta melhor performance traduz o reforço da produtividade, como alavanca para melhorar os níveis de vida da população e acelerar a convergência.

Apesar de não se encontrar entre as melhores performances, é de vincar que a trajetória tem vindo a melhorar na última década. De facto, tendo como referência a crise financeira internacional ou a crise de dívida soberana verificamos também que a progressão foi evidente: o PIB per capita situa-se respetivamente 12% e 20% acima de 2012 e 2007, respetivamente. Em concreto, face aos anos anteriores à crise financeira, a Grécia situa-se 21% abaixo, Espanha estagnou e Itália está 3% abaixo.

O caminho percorrido por uma economia não está escrito; depende das políticas públicas que são implementadas, e da capacidade empreendedora e inovadora da sua população. Em comparação com os principais países europeus, a economia portuguesa está algures no meio e as tendências recentes são positivas. Vamos ver se são sustentáveis ou se assentam em fatores passageiros.

**Paula Carvalho**